

# Depois de tabelamento do frete, empresas trocam caminhão por navio

Alternativa mais econômica ao frete rodoviário, transporte de mercadoria em navios na costa brasileira foi recorde em 2018

Márcia De Chiara, O Estado de S.Paulo  
14 Janeiro 2019 | 05h00

Empresas redescobriram a navegação de **cabotagem** como alternativa mais econômica ao frete rodoviário, depois do tabelamento que encareceu o **transporte feito por caminhões**. No ano passado, foram movimentados mais de 1 milhão de contêineres de 20 pés entre os portos ao longo da costa brasileira, segundo a Associação Brasileira dos Armadores de Cabotagem (Abac).

É uma marca recorde que corresponde a mais de 1 milhão de viagens rodoviárias que deixaram de ser feitas em 2018. Historicamente, o custo do frete de cabotagem é até 20% menor do que o rodoviário. Mas responde por apenas 11% da movimentação de carga entre todos os meios de transporte.

“Com a greve (*dos caminhoneiros*), empresas que já usavam a cabotagem aumentaram os volumes transportados e quem não usava passou a usar”, afirma o presidente da Abac, Cleber Cordeiro Lucas. Ele diz que a paralisação, em maio, deu um impulso adicional à cabotagem, que vinha em expansão nos últimos anos.

No primeiro semestre, antes dos desdobramentos da greve, os volumes transportados pela cabotagem cresciam 13,5% em relação ao ano anterior. Mas, depois da greve, o ritmo anual de expansão subiu para 15,6% até setembro, aponta a Abac.



Pela 1ª vez, a Esmaltec escolheu eletrodomésticos de navio e consegue reduzir pela metade o impacto da alta do frete Foto: Jarbas Oliveira/Estadão

A Aliança, maior empresa de navegação de cabotagem no País, teve aumento de 28% no volume de cargas do primeiro para o segundo semestre de 2018. “Foi o maior crescimento para esse período da história da empresa”, diz Marcus Voloch, diretor. O salto ocorreu porque houve migração de cargas rodoviárias para a cabotagem por causa da alta do custo do frete em razão do tabelamento.

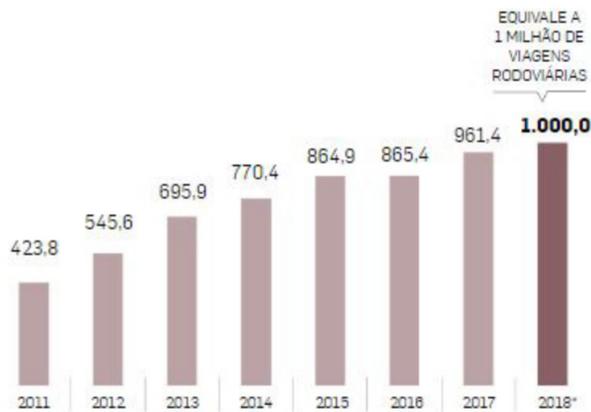
“Buscamos clientes novos, mas aumentou a conversão”, diz o executivo, destacando que a empresa fez o equivalente a dois anos em um. A previsão inicial da companhia era ampliar em 8% o volume de cargas transportadas em 2018 em comparação com a o ano anterior. No final, o avanço foi de 16%.

Apesar de a empresa operar desde 1999, pela primeira vez em 2018 transportou em seus navios melancia, melão, laranja e tangerina, de São Paulo para Manaus (AM), em contêineres refrigerados. “Também nunca tínhamos transportado caixa d’água, levamos de Santa Catarina para o Nordeste.”

Marcos Tourinho, diretor da Santos Brasil, que opera terminais logísticos, confirma que a movimentação de cargas de cabotagem da empresa nos Portos de Vila do Conde (PA) e Ibituba (SC) foi recorde no ano passado. “Com receio de que a greve se repita, empresas buscaram diversificar o frete e isso nos favoreceu.”

## Avanço

Volumes transportados pela navegação de cabotagem, em mil contêineres de 20 pés



\*Estimativa

Fonte: ABAC

ESTADÃO

## Nordeste

As rotas de cabotagem mais procuradas são as que partem do Norte e Nordeste para o Sul e o Sudeste. Antes do tabelamento, o transporte de cargas em caminhões do Norte e Nordeste para o Sul e Sudeste era barato porque se tratava de frete de retorno. Como o polo de produção do País fica nos Estados do Sul e do Sudeste, os caminhões retornavam praticamente vazios do Norte e Nordeste. Por isso, o valor desse frete nessa rota era baixo. Mas, com a obrigatoriedade da tabela, o frete de retorno deixou de existir e as empresas do Norte e Nordeste tiveram de buscar saídas econômicas.

Localizada em Maracanaú, a 24 quilômetros de Fortaleza (CE), a Esmaltec, fabricante de geladeiras e fogões, especialmente para o consumidor de menor renda, teve um aumento de 80% do custo do frete rodoviário para Sul e Sudeste, após o tabelamento. A saída, conta o superintendente Aélcio Silveira, foi despachar os produtos acabados de navio.

Hoje 40% dos eletrodomésticos são escoados de navio, especialmente para o Sul e Sudeste. A meta da companhia até dezembro é escoar 50% da produção por navios. A empresa nunca tinha usado cabotagem para transportar produto acabado, apenas as matérias-primas. “Com o uso da cabotagem, conseguimos reduzir pela metade o impacto da alta do frete”, diz Silveira.